

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CTC – CENTRO TECNOLÓGICO
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO
SEMESTRE 2007-1

ALBERGUE DA JUVENTUDE EM SÃO FRANCISCO DO SUL

Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso

Cláudia Pinz
e-mail: claupinz@gmail.com
Orientadora: Vanessa Maria Pereira
Co-orientador: Américo Ishida

Florianópolis, 16 de julho de 2007.

1. ÍNDICE

1. ÍNDICE, 2

2. INTRODUÇÃO, 3

2.1 OBJETO DE ESTUDO, 3

2.2 JUSTIFICATIVA, 3

2.3 OBJETIVOS, 4

2.3.1 Geral, 4

2.3.2 Específicos, 4

2.4 METODOLOGIA, 4

3. SÃO FRANCISCO DO SUL, 5

3.1 BREVE HISTÓRICO, 5

3.2 PATRIMÔNIO – O CENTRO HISTÓRICO, 8

3.3 TOMBAMENTO, 10

3.4 MONUMENTA, 11

3.4.1 Atuação em São Francisco do Sul, 12

3.4.1.1 Primeira Etapa, 12

3.4.1.2 Segunda Etapa, 14

4. DEFINIÇÃO DO TEMA E EDIFICAÇÃO, 17

5. ALBERGUES DA JUVENTUDE, 23

5.1 BREVE HISTÓRICO, 23

5.2 ALBERGUES DA JUVENTUDE E O MEIO AMBIENTE, 26

5.3 FUNCIONAMENTO, 27

5.4 ALBERGUES DA JUVENTUDE PELO MUNDO, 28

6. PENSANDO O PROJETO, 29

6.1 OBJETIVOS, 29

6.2 APRESENTAÇÃO DO TERRENO/EDIFICAÇÃO, 29

6.3 ESTUDOS PRELIMINARES, 34

7. CONCLUSÃO, 36

8. BIBLIOGRAFIA, 37

2. INTRODUÇÃO

2.1 OBJETO DE ESTUDO

No presente trabalho de conclusão de curso a intenção é desenvolver um projeto em arquiteturas seculares no Centro Histórico de São Francisco do Sul - cidade mais antiga de Santa Catarina, que conta também com exuberante patrimônio natural - criando mecanismos que contribuam para a devolução da vida a este local outrora tão movimentado, fazendo com que sua preservação não seja apenas uma contemplação do passado, mas também uma alternativa para seu futuro.

Com a escolha da cidade para a participação no Programa do Governo Federal denominado Monumenta, cujo conceito é de conjugar recuperação e preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social, São Francisco do Sul passou a receber investimentos gradativos para a restauração e qualificação do Centro Histórico, visando a transformação do local em centro regional de lazer – baseado nos seus maiores diferenciais: a natureza, o centro histórico, a relação direta com a Baía da Babitonga - gerando assim novos empreendimentos que venham melhorar a qualidade de vida da população local. Tal visão facilita a inserção de usos como albergues, pousadas, restaurantes, comércio, necessários para o suporte desta vocação da cidade, que, com o Museu Nacional do Mar, deu o primeiro passo para sua consagração como destino de lazer não somente durante o verão.

2.2 JUSTIFICATIVA

Garantir a vida dos centros históricos é um desafio. Em São Francisco do Sul, o panorama não é diferente. Há alguns anos são feitos investimentos para a criação de atividades que direcionem os turistas também para o Centro Histórico e durante o ano inteiro, como forma de contrapor a *invasão* turística enfrentada nos meses de verão.

Por localizar-se próxima a grandes centros como Joinville, Curitiba e Blumenau e também por sua exuberante beleza natural, São Francisco do Sul mostra-se então, como ressaltado anteriormente, com potencial para tornar-se um centro regional de lazer, atraindo moradores destas e outras cidades próximas para passarem dias agradáveis às margens da Baía da Babitonga.

A intervenção na área de estudo é uma maneira de contribuir com o desenvolvimento deste conceito, buscando, nesta primeira parte do trabalho, definir a edificação e o uso mais apropriados, valendo-se das propostas futuras de intervenção no Centro Histórico.

2.3 OBJETIVOS

2.3.1 Geral

- Compreensão da dinâmica urbana atual do Centro Histórico de São Francisco do Sul, para que suas potencialidades específicas possam ser apuradas e indiquem possibilidades de projeto.

2.3.2 Específicos

- Estudar o Centro Histórico de São Francisco do Sul e definir a área em que será localizado o projeto.
- Escolher a edificação histórica que servirá como objeto de intervenção em TCC2, obtendo todos os dados e levantamentos de tal edificação.
- Escolher o programa que será aplicado à edificação e pesquisar exemplos arquitetônicos diversos de programas semelhantes.

2.4 METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos descritos, foram utilizadas as seguintes formas de pesquisa: pesquisa de campo, entrevistas, pesquisa na Internet e revisão bibliográfica.

Foram realizadas duas visitas à campo, a primeira buscando informações sobre o Centro Histórico como um todo, onde foi feita uma entrevista com a arquiteta responsável pelo Programa Monumenta em São Francisco do Sul, e a segunda visando especificamente a edificação escolhida para projeto.

A revisão bibliográfica ocorreu principalmente na primeira parte do trabalho, enquanto as pesquisas na Internet estiveram mais presentes após a definição do uso da edificação escolhida.

3. SÃO FRANCISCO DO SUL

3.1 BREVE HISTÓRICO

Conta a tradição local que o primeiro contato dos homens brancos com os índios de São Francisco do Sul data de 1504, quando o navio L'Espoir, liderado pelo capitão francês Binot Paulmier de Gonneville, perdeu o rumo para as Índias e acabou seguindo na direção sudeste até aportar “num rio parecido com o Orne”, que especula-se ser a Baía da Babitonga.



Fonte : www.mapainterativo.ciasec.gov.br

Fig. 01: Localização

Os aventureiros foram recebidos pelos índios carijós – apenas um dos vários grupos indígenas que habitou a região nos 4500 anos anteriores à colonização europeia -, chefiados pelo cacique Arosca, que mais tarde permitiu que seu filho Içá-Mirim fosse levado à França para retornar após 20 luas, o que nunca aconteceu. Lá, diferentemente das humilhações que os nativos levados ao velho mundo sofriam, Essomericq (nome que Içá-Mirim passou a usar na França) foi tratado como um príncipe de terras distantes e acabou casando-se com uma sobrinha de Binot de Gonneville, tendo inclusive descendentes.

Os espanhóis chegaram em 1553, liderados por Fernando do Trejo e Maria de Senabria. Fundaram uma povoação mas logo retiraram-se para o Paraguai devido à fome e às doenças.

O povoamento efetivo da região se deu apenas a partir de 1658, quando o expansionismo bandeirante, impulsionado pela tríade índios-ouro-terras, chegou a São Francisco do Sul com Manoel Lourenço de Andrade. Em 1660 a povoação foi elevada à categoria de Vila e em 1665 tornou-se oficialmente Paróquia.

Inicialmente, a Vila de São Francisco pertencia à Ouvidoria de São Paulo, passando em 1723 à Jurisdição da Ouvidoria de Paranaguá. Após a criação da Ouvidoria de Santa Catarina, em 1729, iniciou-se um impasse que

persistiu até 1831. Por questão de limites, São Francisco continuava pertencendo à Jurisdição da Ouvidoria de Paranaguá, embora o Governo Civil e Militar fosse exercido pela Ouvidoria de Santa Catarina. Tal impasse foi solucionado somente no ano de 1831, quando o Governo Imperial, por solicitação do Vice-Presidente da Província, Nunes Pires, determinou a anexação da Vila de São Francisco à Jurisdição de Santa Catarina.

Em 1847 São Francisco do Sul recebe o título de cidade. Porém, só ganha expressão econômica após a fundação da Colônia Dona Francisca (atual Joinville), em 1851.

Nesta mesma época, com a chegada dos imigrantes europeus que se estabeleceram no Estado, criaram-se condições para o desenvolvimento do Porto, já que os mesmos cultivavam lavouras extensivas com mais tecnologia, gerando excedentes passíveis de exportação.

Tido como o melhor porto natural do sul do Brasil, a Baía da Babitonga serviu no decorrer dos séculos de cenário para a entrada de diferentes culturas, sejam os franceses e espanhóis de 1500, ou mais recentemente, no final do século XIX, pelos imigrantes europeus de diversas nacionalidades que vieram em busca de uma vida melhor no novo mundo.

Em 1903 a empresa Carl Hoepcke e Cia., de Florianópolis, instalou seu primeiro trapiche e alguns armazéns para realizar ali suas atividades de importação e exportação (principalmente erva-mate e madeira). Logo em seguida, em 1906, foi construída a Estação Ferroviária de Joinville, com viagem inaugural saindo de São Francisco do Sul, que teve sua estação ferroviária inaugurada em 1910. Esse foi um importante marco para a criação de uma rede de relações econômicas e políticas entre as duas cidades, que perdura até os dias atuais.

A ferrovia também significou um novo impulso para o desenvolvimento econômico da cidade, que havia passado por um período de estagnação após a Abolição da Escravatura em 1888. Através dela, facilitou-se o escoamento dos produtos agrícolas, cultivados em todas as regiões do Estado.

Até 1955 o Porto teve suas instalações no centro da cidade (atual prédio do Museu Nacional do Mar, foto 01), data em que foi relocado para a Ponta do Cruz (local onde está localizado o porto atual, foto 02), próximo à Estação Ferroviária (foto 03).



Fonte: www.apsfs.com.br

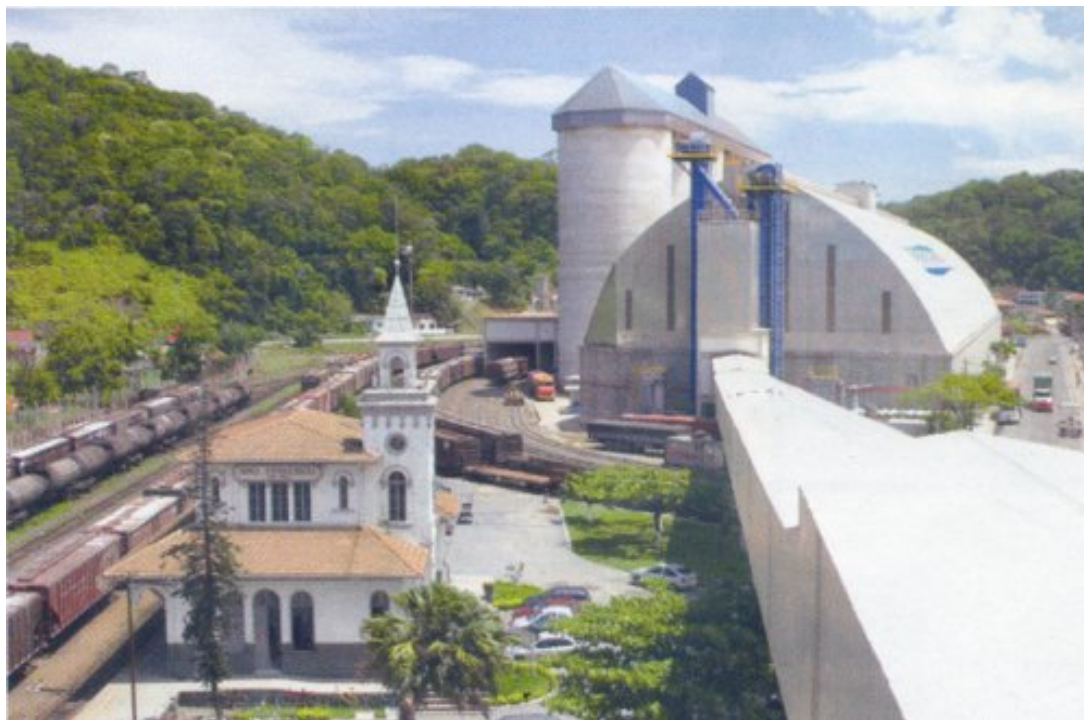
Fig. 02: O Porto no início do século. Armazéns da Carl Hoepcke e Cia



Fonte: www.apsfs.com.br

Fig. 03: O Porto ainda sem o terminal da Terlogs

A estação até hoje recebe os trens de grãos que vêm do interior do Paraná e de Santa Catarina para embarque no porto da cidade. A última litorina que transportava passageiros regularmente na linha, fazendo o percurso Corupá –São Francisco do Sul, foi desativada em janeiro de 1991. Em 2005, foi construído ao lado da estação um gigantesco terminal da empresa Terlogs Terminal Marítimo Ltda., que firmou um contrato com a ALL (América Latina Logística), dando a ela exclusividade no transporte de toda a carga do terminal por um período de 23 anos, a partir de 2005. (Revista Tecnológica, 02/2005 *apud* – <<http://www.estacoesferroviarias.com.br/sc-saofranc/sfrancisco.htm>>).



Fonte: www.estacoesferroviarias.com.br

Fig. 04: Passado e presente no Porto

Com a instalação do Terminal Marítimo da Petrobrás, da Cia. Catarinense de Armazenamento Cocar e da Cia. de Beneficiamento de Soja Ceval, na década de 70, a cidade voltou a ter estabilidade econômica.

Atualmente, o município de São Francisco do Sul ocupa uma área de 493 km² e possui população aproximada de 39.000 habitantes segundo o censo de 2006. Hoje, o Porto representa cerca de 70% da receita total do município, seguido pelo turismo, com 15%. Os demais segmentos são pouco expressivos.

3.2. PATRIMÔNIO – O CENTRO HISTÓRICO

O Centro Histórico de São Francisco do Sul, situado entre morros e a Baía da Babitonga, possui uma ambiência marcante e apresenta-se ainda hoje como forte núcleo urbano.

Nele encontram-se a Igreja Matriz, a Prefeitura Municipal, além de outros serviços e comércios que garantem a sua movimentação. O Porto, principal atividade econômica da cidade, também se localiza nas proximidades desta centralidade.



Fonte: Google Earth

Fig. 05: Localização do Centro Histórico no município



Fonte: Sabina Lima – nov 2001

Fig. 06: Centro Histórico e localização do antigo Porto

A influência do mar é clara no desenho da malha urbana.

Embora realizada de modo incipiente até o século XIX, a vocação portuária do sítio não só justifica a existência do núcleo e as transformações do suporte natural inerentes a sua existência, como determina também a eleição da orla como fator preponderante de ordenação. A rua da Praia, juntamente com a praça e os caminhos para o interior, que tangenciam o relevo

envolvente, formam a estrutura-matriz, representação sincrônica de um projeto de habitat. Em razão da ausência de investimentos no assentamento, a estrutura adquire consistência pelo depósito residual das atividades desenvolvidas com lentidão do cotidiano(...) É sobre a diretriz da orla que emergem com maior clareza os vestígios da lenta construção do quadro de vida material em São Francisco. Os lotes, nesse trecho, desenvolvem-se ao longo da pequena enseada, fechando praticamente o vazio entre os morros. (CHUVA & PESSOA 1995:61)

A prosperidade trazida pelo porto refletiu-se também nas arquiteturas da cidade, onde várias casas de tipologia luso-brasileira foram substituídas por novas em estilo eclético, que hoje predominam no local juntamente com as de estilo moderno. (Mapa 04)

A estagnação econômica que ocorreu a partir da metade do século XX impediu que a cidade crescesse desordenadamente nesta área, evitando processos de verticalização e demolições.

3.3 TOMBAMENTO

Não percebemos na cidade aqueles prédios que guardam em si as características de antiguidade e excepcionalidade que, até bem pouco tempo, a instituição vinha contemplando com o tombamento. Essas características conferem caráter monumental às construções, em razão de virtudes próprias às mesmas, distinguindo-as das outras, tradicionalmente chamadas de arquitetura menor.

Por outro lado, temos em São Francisco do Sul, no conjunto dessa arquitetura menor, grande diversidade de elementos. Essa falta de homogeneidade não é prejudicial à eleição de São Francisco do Sul como documento histórico a ser preservado; na verdade, ela se apresenta como instrumental necessário à análise, a exemplo do que foi dito anteriormente.(CHUVA & PESSOA, 1995:66)

Uma vez percebido o valor do centro histórico da cidade, era necessária que sua proteção fosse efetivada. O tombamento de São Francisco do Sul ocorreu no desenrolar da década 80, com as leis municipais de preservação de 1981 e, posteriormente do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a partir de 1987, com o Tombamento Federal, precedido de muitas reuniões onde se visava esclarecer a todos que esta não era uma idéia retrógrada, mas sim um importante caminho a ser considerado para o desenvolvimento e crescimento da cidade.

Realizado o tombamento, a cidade ficou alguns anos sem saber como aproveitar sua peculiaridade e relevância histórica e cultural. O tombamento por si só não traria crescimento.

Foi então que em 1993, depois de muita luta e apesar de todo o ceticismo daqueles que acreditavam que o tombamento era um atraso para a cidade, o Museu Nacional do Mar – Embarcações Brasileiras foi criado. Nada mais apropriado para uma cidade que tem sua história muitas vezes confundida com a história de seu porto. Com recursos do governo do estado de Santa Catarina e a participação ativa do IPHAN, o museu foi instalado nos grandes armazéns da empresa Hoepcke, onde se localizava o antigo Porto. Contava no início com alguns barcos emprestados, porém muito expressivos. A população começou a perceber a grandiosidade do que estava acontecendo, talvez na mesma proporção dos armazéns onde encontra-se o Museu.

Este foi o primeiro passo para a cidade estabelecer-se como centro regional de lazer, incentivando assim a elaboração de outros projetos com esse mesmo objetivo.

3.4 PROGRAMA MONUMENTA

Outro fator que contribuiu na constituição de São Francisco do Sul como centro regional de lazer foi a escolha da cidade, em 2001, juntamente com outras 25 cidades brasileiras, para fazer parte do Monumenta, um programa do Ministério da Cultura que conta com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e o apoio da Unesco e que objetiva a recuperação e preservação do patrimônio histórico aliadas a desenvolvimento econômico e social, tornando-o sustentável. Uma das estratégias para a preservação do patrimônio é estabelecer novos usos para os imóveis tombados, adaptando-os à realidade da dinâmica urbana atual.

O Monumenta é implementado nas cidades a partir da assinatura de convênios firmados entre o Ministério da Cultura, governos municipais e/ou estaduais, mediante o qual se estabelecem as atribuições de cada uma das partes, os valores a serem repassados e os prazos de execução das obras. Para acompanhar e conduzir as ações do Programa são formadas equipes compostas por técnicos do município ou do estado em conjunto com o IPHAN. As equipes compõem a Unidade Executora de Projeto (UEP) que recebe

orientações da Unidade Central de Gerenciamento, com sede no Ministério da Cultura.

Os recursos financeiros gerados pelas iniciativas do Monumenta em cada cidade são direcionados para o Fundo Municipal de Preservação e usados para cobrir os custos de conservação do Patrimônio Histórico de cada município. Além disso, o Fundo pode receber recursos orçamentários do município, contrapartidas de convênios, aluguéis e arrendamentos dos imóveis e doações.

Outra característica importante do Programa é a recuperação de imóveis privados nas áreas de projeto. Para isso são oferecidos financiamentos em condições especiais. A taxa de juro é zero e os prazos variam de dez a vinte anos para obras de recuperação de fachadas e coberturas, estabilização e consolidação da estrutura do imóvel e para embutir a fiação elétrica. Reparos no interior dos imóveis são admitidos somente para proprietários com renda de até três salários mínimos.

Os imóveis são selecionados através de edital público lançado pelo município ou estado. Os interessados elaboram propostas de intervenção que, uma vez selecionadas, são analisadas pelas equipes da UEP, IPHAN e Caixa Econômica Federal (CEF). Os proprietários, cujos projetos são aprovados, podem assinar o contrato de financiamento e receber os recursos para executar as obras de recuperação do imóvel.

As parcelas do financiamento começam a ser pagas seis meses após a conclusão das obras e são depositadas na conta do Fundo Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, atendendo assim aos objetivos da conservação permanente a partir dos investimentos iniciais.

3.4.1 Atuação em São Francisco do Sul

3.4.1.1 Primeira Etapa

Em São Francisco do Sul o Monumenta investiu na restauração dos principais prédios públicos: a Igreja Nossa Senhora da Graça, o Mercado Municipal, o Museu Nacional do Mar e o Portal de Turismo Naval. O Clube XXIV de Janeiro, imóvel privado, foi contemplado devido à sua importância arquitetônica e cultural. (Mapa 01)

Dentre tantos edifícios, podemos destacar a importância da revitalização do Museu Nacional do Mar. Além dos recursos do próprio Monumenta, a Prefeitura Municipal, a Caixa Econômica Federal e as empresas Vega do Sul, Petrobrás e várias outras de menor porte, resolveram investir nessa idéia, possibilitando sua qualificação museológica e transformando o museu em um dos mais modernos do País.

Hoje, são mais de 60 barcos em tamanho natural e cerca de 200 peças de modelismo e artesanato naval, além de 15 salas temáticas, onde não só são mostradas as embarcações como também há uma ambientação de seus locais de origem, com músicas do folclore regional e representações de aves e outros animais que acompanham as embarcações.

O museu também é palco de desenvolvimento de projetos que visam a qualificação de mão-de-obra para o recebimento ao turista, como a formação de guias-mirins e capacitação de pescadores para o transporte de passageiros em passeios pela baía da Babitonga. Existem também oficinas de modelismo naval, onde estudantes e artesãos de todo o Brasil são selecionados para aprenderem ou aprimorarem suas técnicas e então manter vivas suas tradições.

A Vega do Sul também patrocinou a revitalização do Cine-Teatro X de Novembro, importante local de encontro da cidade. No que tange à vocação da cidade para estabelecer-se como pólo de lazer regional, vale salientar a criação do Portal de Turismo Naval, que tem como objetivo a recebimento a turistas que chegam a São Francisco do Sul pelo mar. A edificação que abriga o Portal encontrava-se em ruínas e foi completamente restaurada. Ali funcionam o posto da Polícia Federal, da Secretaria de Turismo, da Anvisa, a sala de espera e os banheiros. Como seu trapiche ainda não está concluído, no caso de Transatlânticos, os turistas desembarcam no Terminal Marítimo de Passageiros do Porto e fazem a travessia de 160 metros até o Portal em botes.

Também a orla do Centro Histórico foi revitalizada, com obras nas calçadas, vias públicas e praças, todas ganhando novos equipamentos públicos para complementação de projeto e contemplação da cidade, tais como mobiliário urbano e iluminação.

3.4.1.2 Segunda Etapa

O resultado do programa foi tão satisfatório que, os investimentos do governo federal que deveriam ter acabado em 2006, tem seu fim previsto para este ano, 2007.

Nesta nova etapa, os investimentos que dizem respeito à restauração e recuperação de edifícios serão aplicados na revitalização da segunda parte do Museu Nacional do Mar, no Museu Histórico e na criação de um estacionamento turístico ao lado deste último.

Também constam no projeto a criação do Parque Ecológico do Morro do Hospício, do Museu de Artes Sacras, o restauro do mobiliário da Capela de Sacristia e a drenagem do entorno da Igreja Matriz.

Um outro objetivo desta etapa é a criação de um corredor cultural, utilizando edificações privadas. São construções bastante expressivas no conjunto urbano, que abrigariam o Centro Cultural, o Arquivo Municipal, a Fundação Cultural e a Biblioteca Pública Municipal (hoje localizada em um imóvel alugado próximo ao Museu do Mar). (Mapa 02)

A dificuldade para implantação deste circuito reside no fato de que os donos de tais edificações não possuem interesse nenhum em restaurá-las, deixando inclusive de participar dos editais para obtenção de financiamento. A saída encontrada foi a entrada na justiça com processos de desapropriação, os quais sabemos serem bastante lentos, impedindo que tais obras sejam feitas ainda na vigência do Programa Monumenta na cidade.

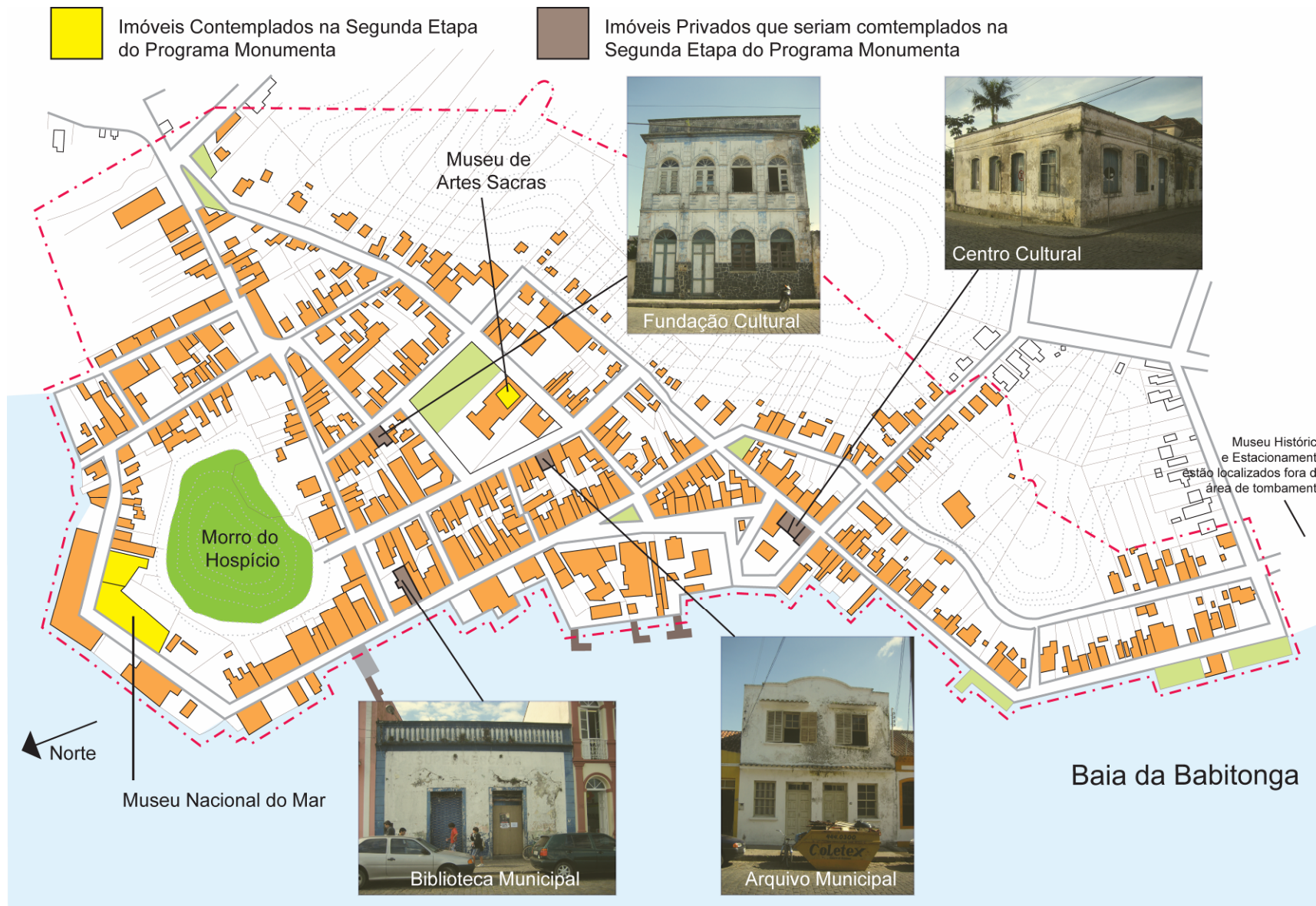


Imóveis Contemplados na Primeira Etapa do Programa Monumenta



Fonte: Sabina Lima, nov 2001 / Modificado por Claudia Pinz, jun 2007

Mapa 01: Intervenções da primeira etapa do Programa Monumenta



Fonte: Sabina Lima, nov 2001 / Modificado por Claudia Pinz, jun 2007

Mapa 02: Intervenções da segunda etapa do Programa Monumenta

4. DEFINIÇÃO DO TEMA E EDIFICAÇÃO

O desenvolvimento do presente trabalho de TCC1 foi então nesta direção, com o objetivo de escolher uma edificação e um programa que seguissem a mesma lógica utilizada pelo Programa Monumenta em suas intervenções pela cidade, visando a consagração desta como centro regional de lazer, atraindo assim um grande número de pessoas das regiões próximas para São Francisco do Sul durante o ano inteiro.

Como a intenção era estabelecer algum uso que desse suporte a este conceito, passou-se a buscar informações sobre a atividade turística na cidade. Com dados disponíveis na Santur, concluiu-se que as pesquisas na área eram um tanto quanto confusas, não podendo dar uma base tão sólida quanto a esperada. Pôde-se concluir porém, apesar disso e com ajuda dos dados de usos das edificações no Centro Histórico, que as opções de estadia nesta área são limitadas (Mapa 03)

Com o levantamento dos imóveis abandonados e identificação dos projetos realizados e futuros do Monumenta, obteve-se um panorama geral da cidade. Nele foi possível identificar que seria mais interessante trabalhar em algum dos edifícios desocupados na Rua Babitonga, pela indução da conformação de um eixo pela orla, da vista privilegiada, pelo maior movimento de pessoas nesta área – devido principalmente ao comércio e aos equipamentos turísticos - e por as edificações abandonadas dali serem de estilo eclético – estilo mais significativo do conjunto urbano e também privilegiado pelo Programa Monumenta em suas intervenções. (Mapas 04 e 05)

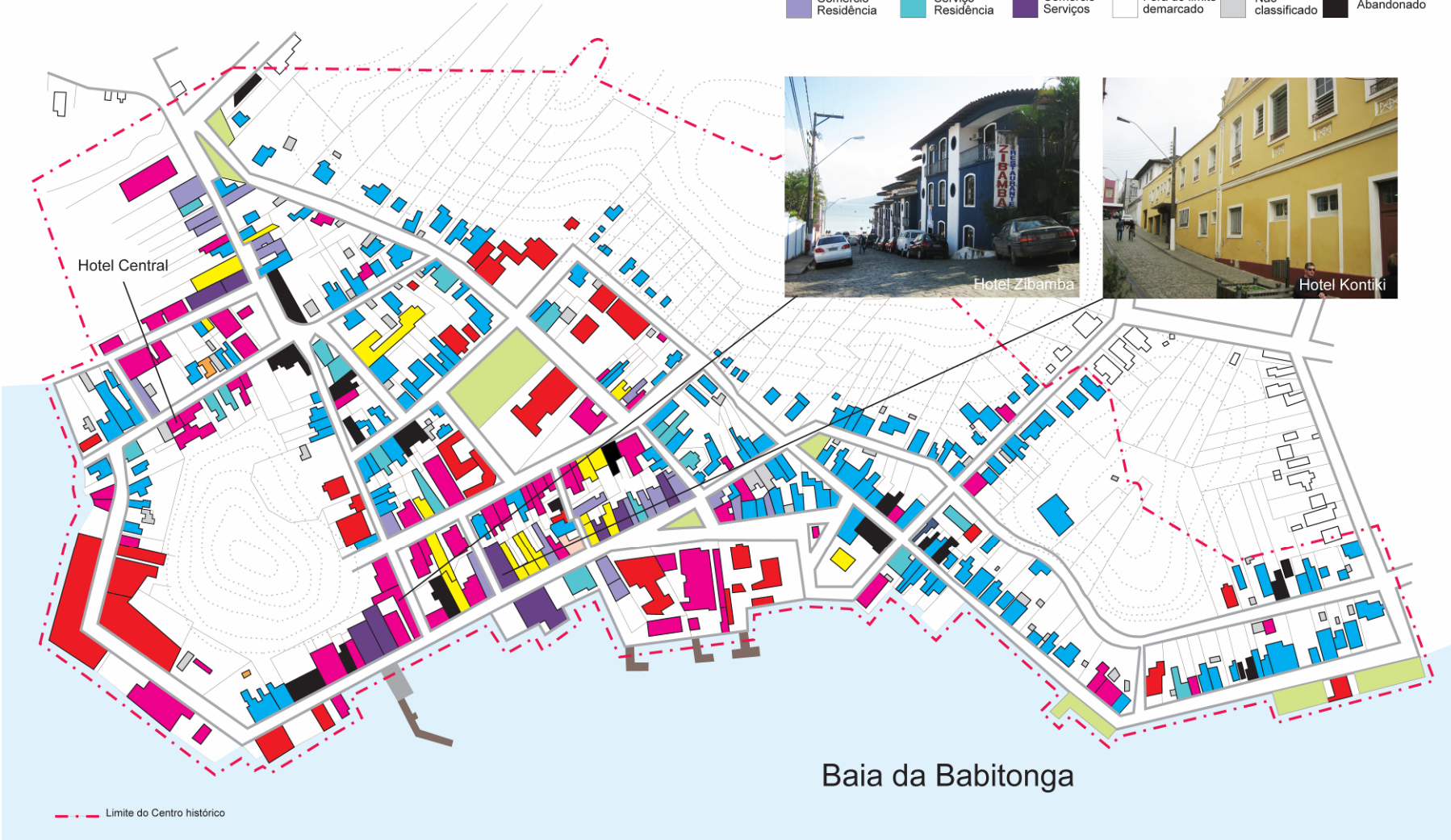
Em visita à cidade, certas edificações chamaram a atenção: algumas pelo tamanho ou localização, outras pelo estilo ou estado de deterioração. Uma delas em especial: uma fachada de frente à Baía da Babitonga, em estilo eclético. Começou então a busca de material de levantamento dessas edificações, já que, se a edificação escolhida não tivesse este material definido, seria muito difícil conseguir esses dados em virtude do estado de conservação de seus interiores/terrenos tendo em vista que muitos contavam com demasiada vegetação e entulhos. Felizmente, a edificação que provocou encantamento possuía esses dados. Definiu-se então como objeto de estudo a casa nº 79. Ela possui nível de tombamento PDN-2 - Zona de Proteção Direta Nível 2. Segundo a Lei Ordinária 756/1981 : “os edifícios pertencentes a esta Zona poderão sofrer obras de conservação, reparos ou restauração; Em qualquer tipo de obra deverão ser mantidos os aspectos do Gabarito e nº de Pavimentos,

Implantação, Forma e Inclinação da Cobertura, vãos de ventilação e iluminação voltados para o espaço externo e materiais dos mesmos, quando estes elementos forem os originais e reproduzirem as características arquitetônicas do conjunto histórico;”. (Mapa 06)

Com a edificação escolhida, passou-se então para a definição do programa. Oficinas de arte, escola de música, museu da cachaça foram algumas das alternativas pensadas. Porém o programa escolhido foi um albergue, por este representar uma opção barata de hospedagem com qualidade – hoje inexistente no centro histórico – que atrai principalmente estudantes interessados em conhecer culturas diferentes.

Usos do Solo no Centro Histórico e Hotéis

- Instituição
- Comércio
- Serviços
- Residência
- Instituição Com./Res.
- Comércio Residência
- Serviço Residência
- Comércio Serviços
- Fora do limite demarcado
- Não classificado
- Abandonado



Fonte: Sabina Lima, nov 2001 / Modificado por Claudia Pinz, jun 2007

Mapa 03 :Usos do solo no Centro Histórico de São Francisco do Sul e hotéis

Estilos Arquitetônicos no Centro Histórico e Edificações Abandonadas



Fonte: Sabina Lima, nov 2001 / Modificado por Claudia Pinz, jun 2007

Mapa 04 : Estilos Arquitetônicos no Centro Histórico de São Francisco do Sul e edificações abandonadas

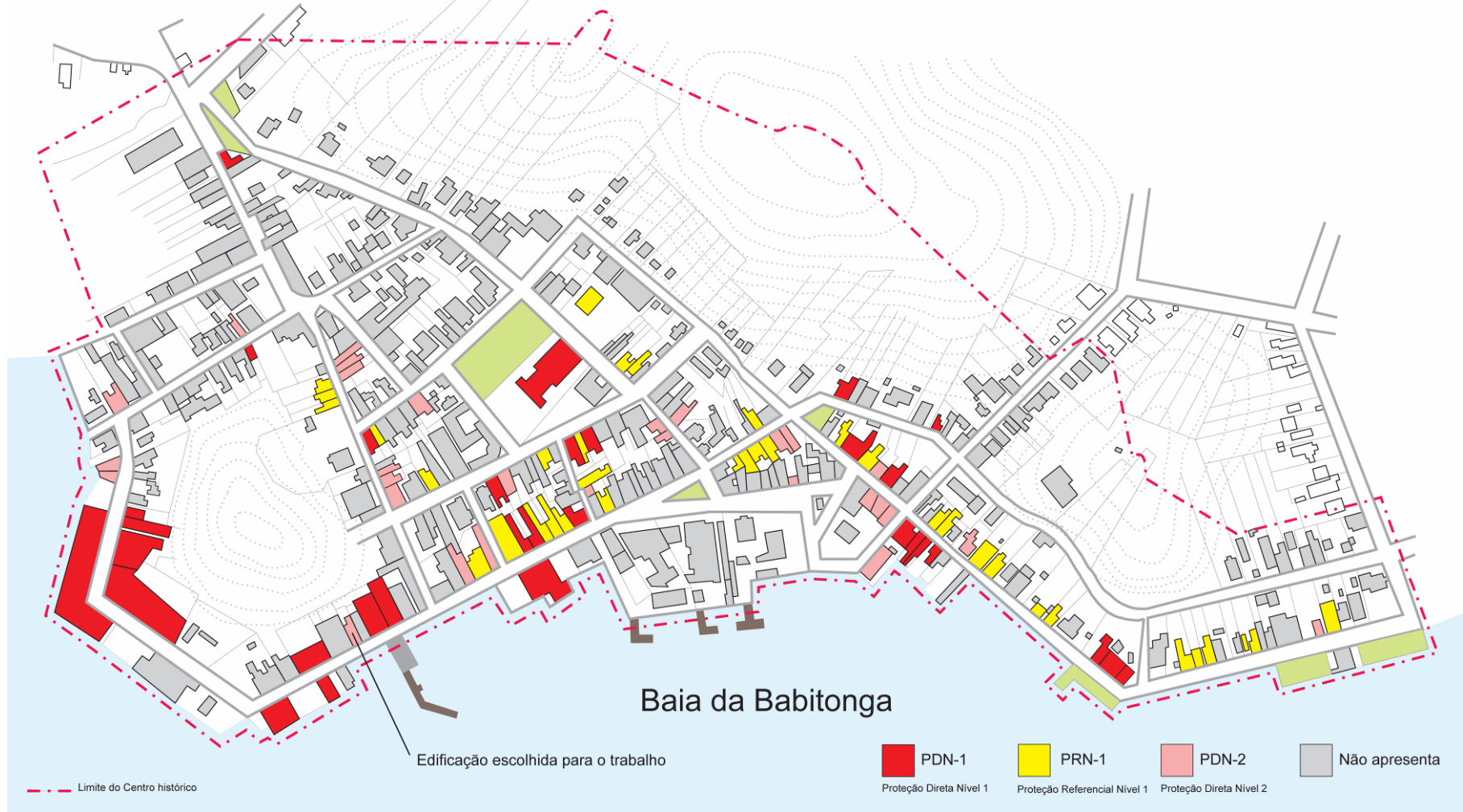
Estilos Arquitetônicos no Centro Histórico de São Francisco do Sul e Intervenções do Monumenta



Fonte: Sabina Lima, nov 2001 / Modificado por Claudia Pinz, jun 2007

Mapa 05 : Estilos Arquitetônicos no Centro Histórico de São Francisco do Sul e intervenções do Programa Monumenta

Níveis de Proteção das Edificações do Centro Histórico



Fonte: Sabina Lima, nov 2001 / Modificado por Claudia Pinz, jun 2007

Mapa 06 : Níveis de Proteção das edificações do Centro Histórico de São Francisco do Sul e edificação escolhida para este trabalho

5. ALBERGUES DA JUVENTUDE

5.1 HISTÓRICO

Os Albergues da Juventude se desenvolveram como respostas as más condições da vida urbana nas cidades industriais do século XIX. Jovens de todos os países começaram a passar seu tempo livre descobrindo os ambientes fora das cidades.

Porém, as raízes do movimento alberguista começam no século XV, quando um grupo de estudantes viajou pela Europa de uma universidade para outra, acomodando-se nos caminhos em mosteiros por uma ou duas noites. Somado a isso, as associações de artistas da Europa naquela época requeriam que seus aprendizes saíssem em viagens que duravam anos, visitando outros países e cidades para aprender um ofício, acomodando-se normalmente em abrigos oferecidos pelas próprias associações. Foi assim até o século XIX, quando padres e pastores estabeleceram casas de hospedagem para esses aprendizes.

Em 1844, a Young Men's Christian Association (YMCA) e sua versão feminina, a Young Women's Christian Association (YWCA), criaram uma rede por toda a Grã-Bretanha oferecendo atividades culturais e acomodação para jovens vindos de várias cidades e países.

Durante o final do século XIX, várias associações surgiram com o intuito de promover um melhor conhecimento do campo, abrindo trilhas e construindo abrigos em locais antes desconhecidos. Mas, normalmente, eram voltadas somente para homens adultos. Foi também nesta época que os jovens começaram a ser levados para viagens fora da cidade. O movimento começou na Alemanha, voltado somente para meninos. Eles viajavam a pé, carregando seus suprimentos, equipamento de cozinha e dormindo em celeiros. Logo surgiu o Wandervogel (Pássaro Migratório), um movimento popular do grupo de jovens alemães que pregava o retorno à natureza e a liberdade. Eles influenciaram toda uma geração, que mais tarde viria a ser receptiva aos albergues.

Mas o mais direto precursor dos Albergues da Juventude foram os Albergues de Estudantes, que surgiram também na Alemanha em 1884. Seu fundador foi Guido Rotter, dono de uma fábrica e entusiasta de trilhas, e que estabeleceu uma rede destes albergues pela Alemanha e Áustria. Entretanto, seu uso era restrito a estudantes secundários e universitários, e as mulheres não eram admitidas. Para

estes albergues faltava a universalidade, premissa básica dos Albergues da Juventude.

Em 1909, um jovem professor alemão, Richard Schirrmann, assustado com a ignorância de seus estudantes quanto ao meio natural e impulsionado pela falta de acomodações que tornariam excursões e viagens de estudo ao campo possíveis, teve a idéia de adaptar escolas de vilas para esse propósito.

Ele começou convencendo os professores para deixarem que suas escolas fossem usadas como dormitórios durante as férias. Até que em 1910 persuadiu as autoridades locais a criarem o primeiro albergue da juventude permanente, em um castelo em Altena, que ainda está em funcionamento. Ele o equipou com dois dormitórios com alguns triliches, cozinha e banheiros.

A partir daí, o Movimento dos Albergues da Juventude se desenvolveu rapidamente. Segundo McCulloch (1992), em 1911 já havia 17 albergues na Alemanha, contabilizando 3.000 estadias durante o ano. Em 1919 a Associação Alemã de Albergues da Juventude foi fundada. Nesse ano, o número de estadias só na Alemanha pulou para 60.000. Em 1920, para 186.000 e em 1921 para 500.000.

Em 1932 foi criada a Federação Internacional de Albergues da Juventude – International Youth Hostel Association (IYHA) ou simplesmente Hostelling International (HI) - com o intuito de coordenar a reciprocidade internacional total entre os Albergues da Juventude. Hoje ela é composta por 90 associações representando 4500 Albergues da Juventude em 80 países.

A missão dos Albergues da Juventude, como estipula o Art. 2 dos Estatutos da IYHA:

Fomentar a educação de todos os jovens de todas as nações, especialmente os de recursos limitados, estimulando neles um maior conhecimento, afeto e cuidado com a natureza, assim como um conhecimento dos valores culturais das cidades, tanto grandes como pequenas, de todas partes do mundo, e, como meio para alcançá-lo, oferecer albergues ou outra classe de alojamento nos quais não existam distinções de raça, nacionalidade, cor, religião, sexo, classe social nem opiniões políticas, para que possam chegar assim a compreender melhor os seus semelhantes, tanto em seu próprio país, como no estrangeiro. (<http://www.hostel.org.br/home.php?secao=missao>)

A rede de albergues permite aos jovens de diferentes nacionalidades, culturas e condições sociais, encontrarem-se em um ambiente informal, intercambiar experiências, aprender a conhecer a si mesmos e aos demais e descobrir o lugar

onde estão. Os albergues fomentam a tomada de consciência dos temas da atualidade em escala internacional.

Os Albergues da Juventude chegaram ao Brasil em 1961, através do casal de educadores cariocas Joaquim e Ione Trotta, que trouxeram a idéia para o País depois de terem visitado um albergue na França, em 1956. Em 1971 o Brasil criou a Federação Brasileira dos Albergues da Juventude (FBAJ) e começou a fazer parte do Movimento Alberguista.

Em 1980 e nos anos que o seguiram, a IYHA perdeu cerca de 50% seu mercado para albergues genéricos, conhecidos como *Backpackers*. Estes últimos, por visarem o lucro e não serem associados à IYHA, adaptaram-se às demandas de mercado, abolindo algumas regras conservadoras presentes nos Albergues da Juventude.

Para se hospedar em um *Backpacker* não era necessário ser filiado a nenhuma associação. Também não havia responsabilidades, toques de recolher e o álcool era permitido. Em adição a isso, possuíam variabilidade nas acomodações: quartos para duas pessoas, para famílias, dormitórios coletivos mistos. Forneciam transporte gratuito até o albergue, lojas, piscinas e salas de jogos. Mas talvez o fator que mais tenha contribuído para o aumento da procura destes albergues em detrimento dos Albergues da Juventude foi a localização. Os *Backpackers* eram instalados em locais próximo aos centros e aos transportes públicos.

Foi então que os Albergues de Juventude começaram a procurar locais centrais, perto da agitação da cidade. Mudaram também as regras de conduta, abolindo o limite máximo de estadia de 3 dias, os toques de recolher e funcionando 24 horas por dia.

Hoje, a IYHA recuperou grande parte de seu mercado, principalmente por manter e fiscalizar o nível de qualidade básico estabelecido pela associação, o que não ocorre com os demais. No entanto, por ser uma organização voluntária, sem fins lucrativos, provavelmente sempre haverá dificuldades para acompanhar a evolução do mercado.

A fundação e a administração de uma Associação de Albergues da Juventude (Youth Hostel Association – YHA) varia de país para país, de acordo com as tradições e a cultura. Normalmente um grupo de entusiastas em um país convoca uma reunião inaugural na qual representantes de vários segmentos oficiais e voluntários que

possam estar interessados são convidados. Nessa reunião os objetivos dos Albergues da Juventude são explicados e um comitê provisório é formado. Preferencialmente, este comitê deve ser formado por pessoas com diferentes visões políticas e de grupos raciais variados, e deve incluir não somente grupos jovens como também associações que incluam professores, estudantes, grupos ambientais e quaisquer outros grupos que estejam relacionados com o trabalho proposto pelos Albergues da Juventude.

O Brasil possui 24 locais credenciados pela Federação Brasileira de Albergues da Juventude (FBAJ), com uma estrutura coerente como um meio de hospedagem complementar do turista brasileiro. São designados pela UNESCO como “centros de cultura e de paz”, e são regidos por cinco premissas básicas: segurança, higiene, conforto, hospitalidade e bom preço - possibilitando que pessoas de todas as idades conheçam países, cidades, culturas e costumes diferentes.

A FBAJ determina metas e diretrizes de desenvolvimento para suas afiliadas e estabelece contatos com as demais federações do mundo. Essas entidades são mantidas através da venda de carteiras, mas na maioria dos países europeus o dinheiro arrecadado com as pernoites fica com as Federações, que têm autonomia para tomar suas próprias decisões.

As receitas geradas pelos Albergues da Juventude vão para a Associação e, dessa forma, os albergues mais rentáveis ajudam a sustentar aqueles situados lugares mais remotos, os quais, se não fosse com essa ajuda, possivelmente não seriam viáveis economicamente.

5.2 ALBERGUES DA JUVENTUDE E O MEIO AMBIENTE

Durante anos, a IYHA não só forneceu acomodação para grupos de jovens que podiam ter lições de estudo da natureza de forma prática, como constantemente persuadiu seus membros a adotarem posturas de responsabilidade ecológica. Porém, com a degradação cada vez mais acelerada do ambiente, a IYHA viu-se impelida a agir de forma mais ativa quanto a isso. Criou-se então uma política internacional para ser seguida por todos os albergues afiliados. O tema vem sendo o principal foco das conferências bienais das associações desde 1986.

As principais metas estabelecidas pela HI são as seguintes: sempre que for possível, se deverá utilizar papel reciclado, alimentos produzidos no local, procedentes talvez do próprio jardim do albergue, materiais para a construção

apropriados - que deverão incluir materiais fabricados localmente ou reciclados sempre que isso seja viável economicamente, e quantidades mínimas de produtos de limpeza químicos, a fim de proteger a saúde e garantir a higiene. Também deverá ser incentivado o uso de transporte público e bicicletas.

5.3 FUNCIONAMENTO

Os albergues ou pousadas da juventude são meios de hospedagem de baixo-custo em comparação com as pousadas convencionais e os hotéis. Possuem acomodações onde os hóspedes podem alugar uma cama, muito comumente um beliche, em um dormitório coletivo. Banheiros, cozinha e sala são comuns a todos os hóspedes. Podem variar de grandes - com centenas de camas, localizados em um castelo, uma casa restaurada, uma edificação construída especialmente para isso, com quartos com beliches, triliches, para famílias, grandes grupos, com lavanderia, restaurante ou cozinha - até espaços muito pequenos para 10 pessoas, localizados em algum lugar em meio ao nada.

Os principais benefícios para aqueles que optam por albergues são o baixo custo, a oportunidade de interagir com outros viajantes (normalmente mochileiros), a informalidade do local e as atividades oferecidas pelo albergue sem custo adicional (tais como passeios guiados pela cidade).

Entre as desvantagens encontramos a falta de privacidade, o barulho (alguém chegando tarde ou saindo cedo, razão pela qual muitos albergues estabelecem horários-limite para as últimas admissões e apagar de luzes) e roubos, que são normalmente prevenidos com a instalação de armários privativos com cadeados.

5.4 ALBERGUES DA JUVENTUDE PELO MUNDO



Fonte: Hostelling International (www.hihostels.com)

Figura 07: A diversidade nas instalações do Albergues da Juventude pelo mundo

6. PENSANDO O PROJETO

6.1 DIRETRIZES

Com base nos dados obtidos a respeito da edificação e do tema definiram-se as principais diretrizes de projeto:

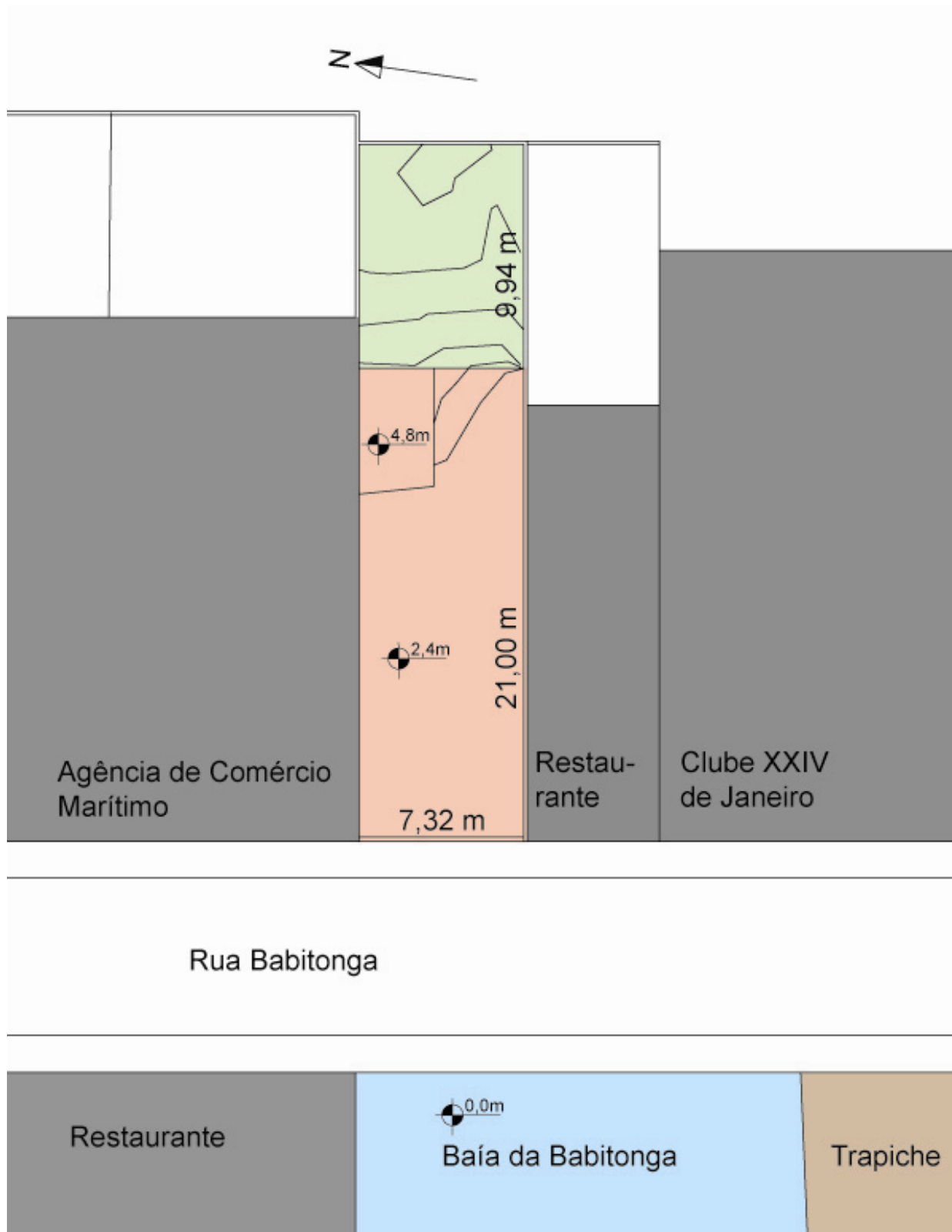
- projetar uma edificação que esteja dentro das normas do tombamento PDN-2, respeitando o volume e gabarito originais, assim como materiais e aberturas externas, para que não haja conflito entre a edificação projetada e o conjunto tombado;
- fazer uso de materiais para a construção fabricados localmente ou reciclados;
- oferecer variedade, dentro das possibilidades, de tipos de quartos, já que atualmente os albergues que possuem somente dormitórios coletivos perdem hóspedes por não oferecerem quartos duplos ou para famílias;
- privilegiar as áreas de convivência, buscando diferentes usos e espacialidade que favoreçam a troca de experiências e conhecimento entre os hóspedes.

6.2 APRESENTAÇÃO DO TERRENO / EDIFICAÇÃO

- Fachada oeste (sem escala)



- Terreno (sem escala)

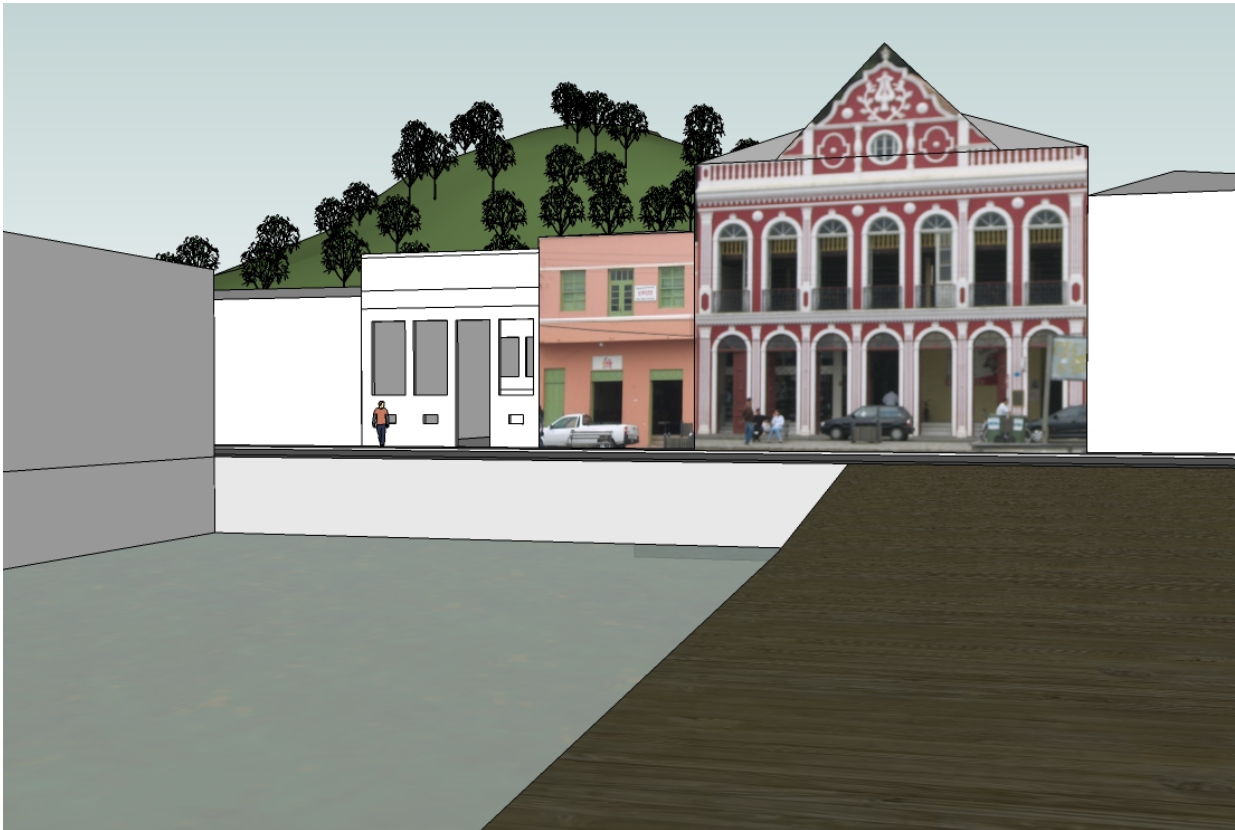


- Fotos

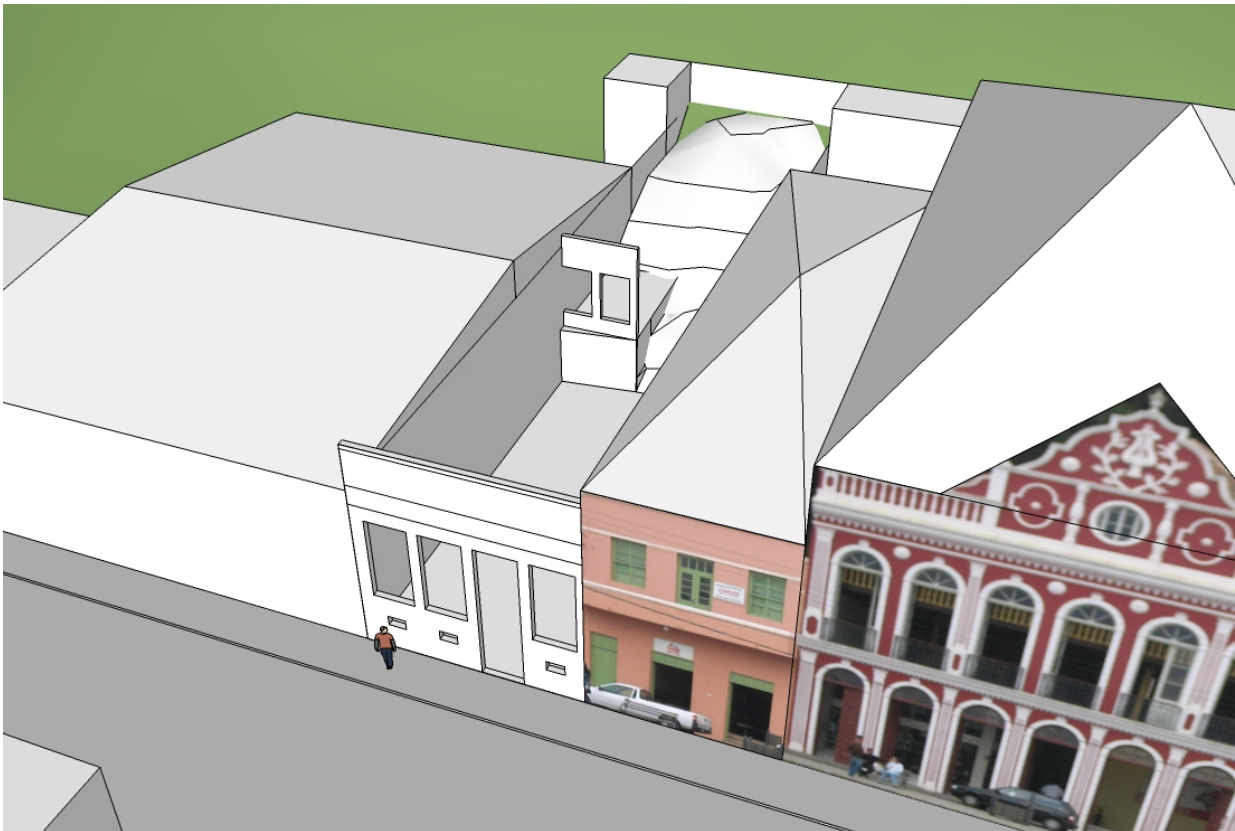


Fonte: Arquivo pessoal

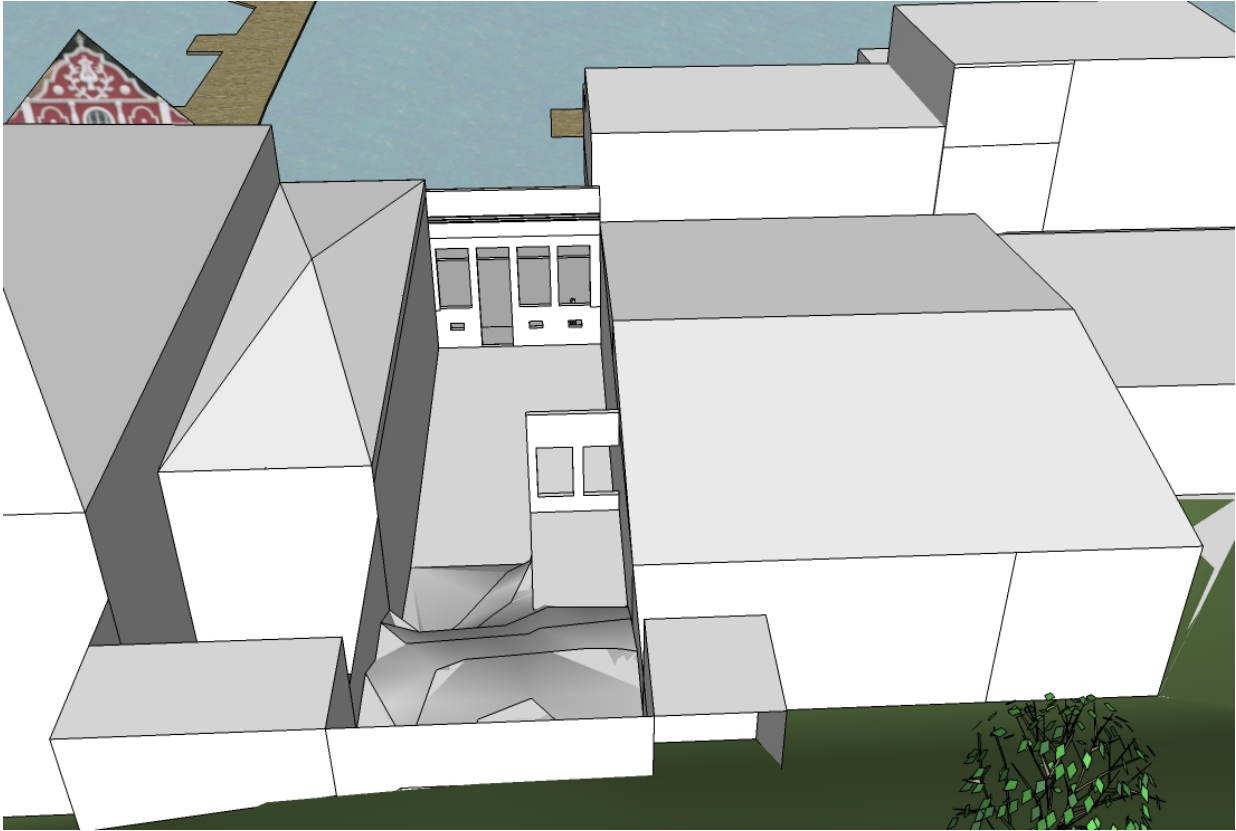
- Maquete Eletrônica



Vista do trapiche



Vista aérea - frente



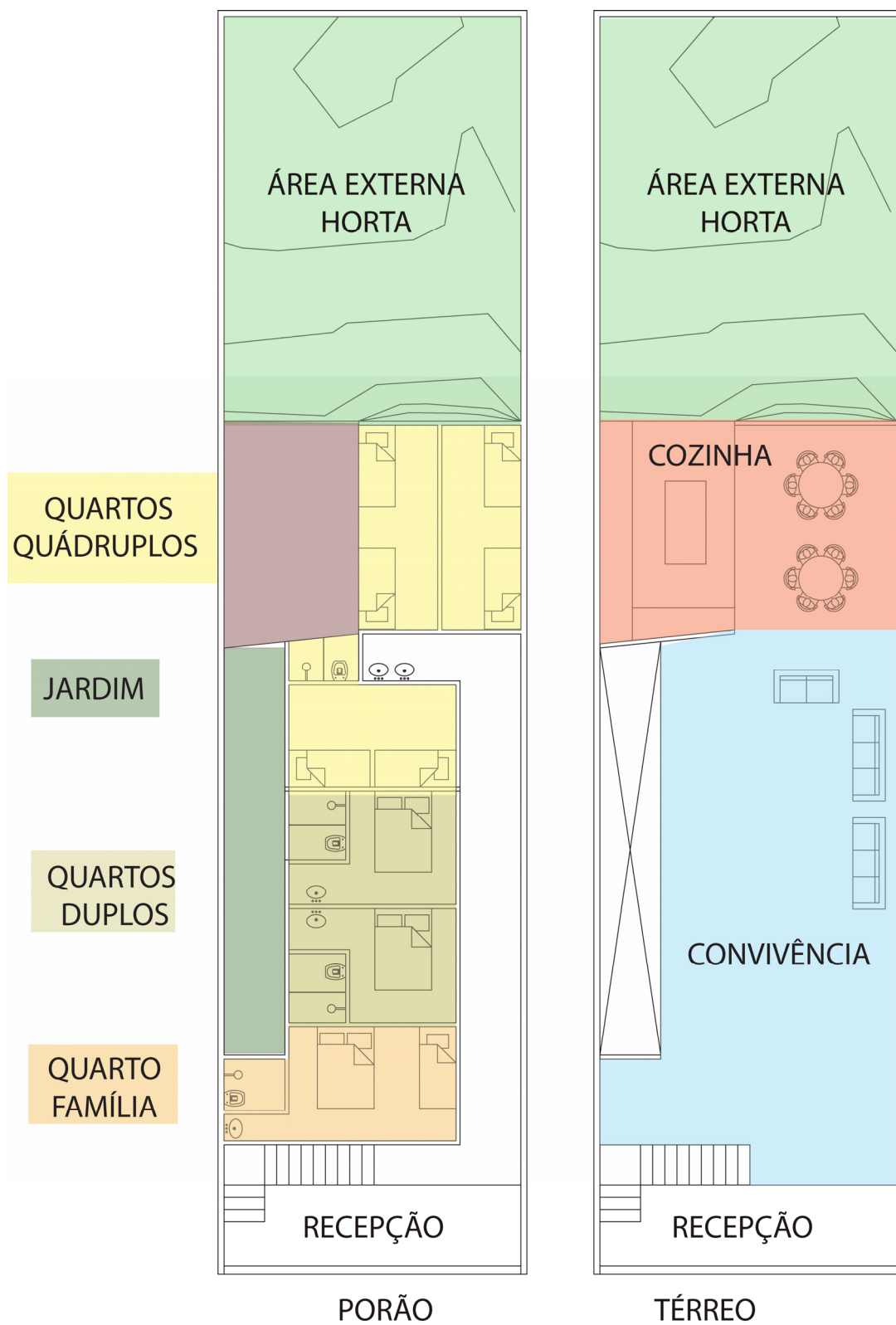
Vista aérea - fundos



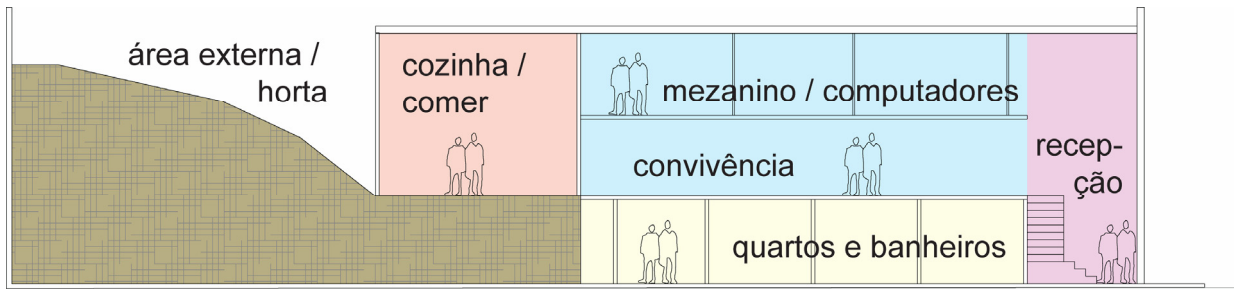
Perspectiva Interna

6.3 ESTUDOS PRELIMINARES

- Planta (sem escala)



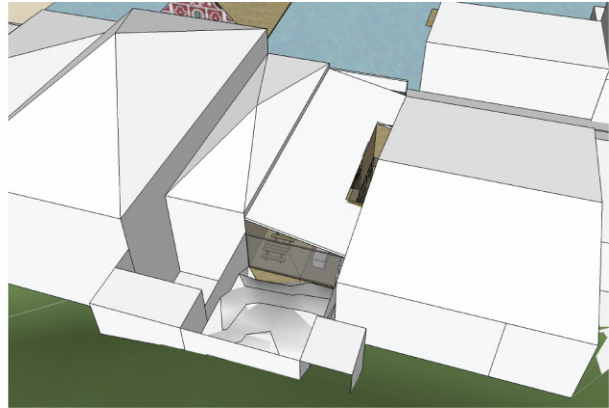
- Corte (sem escala)



- Maquete eletrônica



Vistas aéreas do fundo e da frente.



Vista do lado oposto da rua e de um dos dormitórios.



Vista da área de convivência e cozinha.



7. CONCLUSÃO

O município de São Francisco do Sul destaca-se na região por suas belezas naturais e também pelo seu patrimônio histórico. Porém, a cidade não faz uso total deste potencial, visto que a grande maioria de turistas aparece somente nos meses de verão, quando todas as praias do litoral catarinense recebem milhares de turistas de diferentes partes do Brasil. Sendo este tipo de turismo um tanto quanto negativo, por constituir uma ameaça aos equilíbrios locais (naturais e econômicos), faz-se necessário pensar alternativas para um turismo contínuo na cidade, atraindo pessoas de cidades próximas para desfrutar de dias agradáveis às margens da Baía da Babilonga.

Projetos como o Museu Nacional do Mar, o Portal Turístico e os demais promovidos pelo Programa Monumenta iniciaram este processo, fazendo surgir o potencial do Centro Histórico, que passou a receber visitantes que buscam o chamado *turismo cultural*. Como proposta deste trabalho pensou-se desenvolver alguma atividade que desse suporte a essa tendência.

Através de visitas e pesquisas verificou-se então que as opções de estadia na região são poucas e acabam se mostrando ou muito caras (Hotel Zibamba), ou desqualificadas (Hotel Central), ou sempre lotadas (Hotel Kontiki). Não há também nenhum tipo de acomodação voltado especificamente aos jovens que, com uma mochila nas costas e muita curiosidade, buscam conhecer novas culturas gastando o mínimo possível.

A criação de um Albergue da Juventude no Centro Histórico de São Francisco do Sul, a ser localizado em uma das tantas edificações ecléticas tão bonitas do bairro, com certeza preencheria uma lacuna em termos de hospedagem na cidade, atraindo então não só jovens, mas todos os interessados em conhecer este lugar maravilhoso hospedando-se em um local onde a troca de idéias e experiências é favorecida.

8. BIBLIOGRAFIA

GOVERNO DE SANTA CATARINA. **Vitrines da História. A passagem do tempo nos museus de Santa Catarina.** Florianópolis: Tempo Editorial, 2005.

INSTITUTO BINOT PAULMIER DE GONNEVILLE. **São Francisco do Sul. 500 Anos: construções históricas.** Joinville: S&A Editora, 2004.

MCCULLOCH, John. The Youth Hostels Association: Precursors and contemporary achievements. **The Journal of Tourism Studies**, Vol.3, No.1, 22-27. 1992. Disponível em: <[http://www.jcu.edu.au/fac1/public/faculty/jts/3\(1\)/3-McCulloch.pdf](http://www.jcu.edu.au/fac1/public/faculty/jts/3(1)/3-McCulloch.pdf)> Acesso em: 03 jul. 2007

NACKE, Aneliese; REIS, Maria José; SANTOS, Sílvio C. dos. **São Francisco do Sul. Muito além da viagem de Gonneville.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

PROGRAMA MONUMENTA. **Sítios Históricos e Conjuntos Urbanos de Monumentos Nacionais.** Volume 2, Sudeste e Sul. Cadernos Técnicos. Brasília, 2005. p, 373-379.

<http://pt.wikipedia.org> (acessado em 06/2007)

<http://en.wikipedia.org> (acessado em 06/2007)

<http://www.iphan.gov.br> (acessado em 04/2007)

<http://www.csfs.sc.gov.br/> (acessado em 05/2007)

<http://www.estacoesferroviarias.com.br> (acessado em 06/2007)

<http://www.hihostels.com/> (acessado em 07/2007)

<http://www.hostel.org.br/> (acessado em 07/2007)

<http://www.ibge.gov.br> (acessado em 04/2007)

<http://www.jcu.edu.au/> (acessado em 07/2007)

<http://www.mapainterativo.ciasc.gov.br> (acessado em 07/2007)

<http://www.monumenta.gov.br> (acessado em 04/2007)

<http://www.museunacionaldomar.com.br> (acessado em 04/2007)

<http://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/> (acessado em 05/2007)

<http://www.sfs.com.br> (acessado em 04/2007)

<http://www.sol.sc.gov.br/santur/> (acessado em 05/2007)